

Compreensão de objecto nulo em contextos transitivos e reflexos na aquisição do português europeu

João Costa & Maria Lobo

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Abstract

In previous work, we argued that clitic omission in the acquisition of European Portuguese is an overgeneralization of the null object construction. This hypothesis predicts that children will accept null objects in comprehension tasks. In the present paper, following the study of Costa & Lobo (2008) on the comprehension of null objects, we investigate children's comprehension of null complements in reflexive contexts. We show that Portuguese children accept null objects in reflexive contexts, which is consistent with their behaviour in production tasks and which supports the hypothesis that clitic omission is an overgeneralization of the null object construction.

Keywords: language acquisition, null object, comprehension.

Palavras-chave: aquisição da linguagem, objecto nulo, compreensão.

1. Introdução

Dando continuidade a trabalhos anteriores em que colocámos a hipótese de que a omissão de clíticos na aquisição do português europeu (PE) corresponde a uma sobre-generalização da construção de objecto nulo, neste trabalho procuramos investigar se as crianças em processo de aquisição do PE aceitam interpretações reflexas em contextos em que o complemento do verbo não se encontra realizado.

Na secção 2, fazemos uma revisão dos trabalhos anteriores sobre omissão de clíticos; na secção 3, damos conta de resultados anteriores relativamente à compreensão de objecto nulo na aquisição do PE; na secção 4, descrevemos o teste experimental que realizámos; e, finalmente, na secção 5, discutimos os resultados.

2. Omissão de clíticos na aquisição

É sabido da literatura em aquisição da linguagem que as crianças omitem pronomes clíticos em fases iniciais do processo de aquisição da linguagem (cf. Schaeffer, 1997; entre outros). No entanto, existe alguma controvérsia quanto à universalidade deste fenómeno e quanto à extensão que ele assume. Trabalhos como os de Tsakali & Wexler (2003) e Wexler, Gavarrò & Torrens (2004) consideram que a omissão precoce de clíticos só se verifica em línguas em que os clíticos obedecem a um requisito gramatical de verificação de mais do que um traço formal. Em línguas em que o clítico apenas verifica um traço, esse fenómeno não se verificaria. Os autores relacionam, assim, a omissão precoce de clíticos com um mecanismo sujeito a maturação que, no caso dos clíticos, apenas tem relevância em línguas em que existe concordância entre o clítico e o participio passado, tais como o italiano, o catalão e o francês, mas não em línguas como o espanhol, em que o participio passado num tempo composto não concorda com o clítico objecto. Haveria assim uma oposição entre línguas com omissão precoce de clíticos e línguas sem omissão precoce de clíticos, sendo o fenómeno correlacionável com o processo de verificação de traços a que o clítico está sujeito. Dado que, de acordo com a proposta dos autores, o fenómeno está sujeito a maturação, as limitações à produção de clíticos desapareceriam por volta da faixa etária dos 3 anos, altura em que a restrição de verificação única deixa de estar activa.

Há, no entanto, outros trabalhos que defendem que a omissão de clíticos é um fenómeno mais generalizado, podendo encontrar-se também em línguas como o espanhol ou o romeno. Estes dados provêm quer de estudos de produção espontânea (cf. Avram, 2000), quer de estudos de produção induzida (cf. Castilla *et al.*, 2008). Há ainda trabalhos que mostram que a hipótese da maturação dificilmente pode ser generalizada a todas as línguas, uma vez que existem assimetrias entre línguas quanto à idade em que as crianças deixam de omitir clíticos: estudos realizados com crianças francesas mostram que a omissão de clíticos nesta língua se prolonga para lá dos 4 anos (cf. Jakubowicz *et al.* 1996; Pérez-Leroux, Pirvulescu & Roberge, 2006; Grüter, 2006; e.o.).

3. Omissão de clíticos no português europeu como sobre-generalização de construção de objecto nulo

Em trabalhos anteriores (cf. Costa & Lobo, 2006, 2007), procurámos investigar se existe omissão de clíticos na aquisição do português europeu (PE). Com base em duas tarefas de produção induzida que contemplavam diferentes contextos – frases simples e ilhas – e diferentes tipos de clíticos – acusativos não reflexos, acusativos reflexos –, mostrámos que as crianças portuguesas omitem pronomes clíticos quer em frases simples, quer em contexto de ilha. As taxas de omissão encontradas para os diferentes contextos, bem como para os diferentes tipos de clíticos, foram variáveis: verificou-se maior omissão com clíticos acusativos não reflexos em frases simples (cerca de 70% de

omissão) e menor omissão com clíticos reflexos e com clíticos acusativos em contexto de ilha (cerca de 40% de omissão). O estudo posterior de Silva (2008), que alarga a produção induzida de clíticos a diferentes tipos de clíticos (acusativos reflexos, acusativos e dativos não reflexos, não argumentais, em frases simples e em ilhas), de todas as pessoas gramaticais e aumenta significativamente a amostra (73 crianças, dos 3;0 aos 6;6 anos de idade), confirmou os resultados obtidos.

Pelo facto de as crianças omitirem clíticos em contextos em que a gramática adulta do português europeu não o permite, nomeadamente no contexto de ilhas e no contexto reflexo, interpretámos a omissão de clíticos em PE como uma sobre-generalização da construção de objecto nulo.

A hipótese de que a omissão generalizada de clíticos em PE corresponde a uma sobre-generalização da construção de objecto nulo prediz que as crianças aceitem leituras transitivas em contextos em que não há nenhum argumento interno realizado. De forma a testarmos esta predição, num estudo anterior (cf. Costa & Lobo, 2008, 2009), testámos a compreensão de objecto nulo. A metodologia usada inspirou-se no estudo de Grüter (2006) realizado com crianças francesas e inglesas.

Era pedido à criança que avaliasse frases com complemento e sem complemento realizado, em frases simples e em ilhas, perante uma imagem que retratava uma situação transitiva ou intransitiva. Todos os verbos usados eram verbos que permitiam quer usos transitivos, quer usos intransitivos (*mergulhar*, *adormecer*, *baloiçar* e *acordar*). Se a criança aceitasse objectos nulos, deveria poder atribuir uma interpretação transitiva ao verbo; caso contrário, aceitaria apenas verbos sem complemento em situações intransitivas.

Ao contrário do que aconteceu com as crianças francesas, que rejeitaram em 86% dos casos a interpretação transitiva quando o complemento não estava realizado, as crianças portuguesas não só aceitaram objectos nulos em frases simples em 80% dos casos, como também os aceitaram nos contextos de ilha em 70% dos casos.

Assim, os resultados obtidos no teste de compreensão foram compatíveis com a hipótese de que a omissão de clíticos em tarefas de produção corresponde a uma sobre-generalização da construção de objecto nulo, uma vez que as crianças mostraram ter conhecimento da construção de objecto nulo, mas mostraram ter uma gramática mais permissiva do que a gramática adulta do PE, aceitando objectos nulos em ilhas.

4. Estudo experimental: compreensão de objecto nulo e contextos reflexos

4.1. Metodologia

Na sequência do estudo descrito anteriormente, no presente trabalho, procurámos estender o estudo a um dos outros contextos em que as crianças mostraram omitir clíticos na produção – o contexto de reflexos. O teste tinha, assim, por objectivo verificar se, em contextos reflexos, os dados da compreensão corroboram os dados da produção. Se

a omissão de clíticos em contextos reflexos corresponde a uma sobre-generalização de uma construção de objecto nulo, espera-se que as crianças possam atribuir interpretações reflexas a verbos sem argumento interno realizado, contrariamente ao que acontece na gramática adulta. Para além disso, era necessário verificar se a criança tinha conhecimento dos princípios da teoria da ligação, interpretando correctamente pronomes e anáforas.

A metodologia aplicada foi semelhante à do estudo de compreensão de objectos nulos não reflexos (Costa & Lobo, 2008).

A tarefa da criança consistia em avaliar se uma frase dita por um fantoche era compatível com uma imagem apresentada. Trata-se, por conseguinte, de um teste de juízo de valor de verdade, através de verificação de imagens.

O teste incluía as seguintes condições:

- a) Pronomes clíticos com interpretação pronominal (resposta esperada: verdadeiro)
- b) Pronomes clíticos com interpretação anafórica (resposta esperada: falso)
- c) Clíticos reflexos com interpretação anafórica (resposta esperada: verdadeiro)
- d) Clíticos reflexos com interpretação pronominal (resposta esperada: falso)
- e) Objecto nulo com referência disjunta (resposta esperada: verdadeiro)
- f) Objecto nulo com referência anafórica (resposta esperada: falso)
- g) Objecto DP (resposta esperada: verdadeiro)
- h) Objecto DP supérfluo numa situação reflexiva (resposta esperada: falso)

Foram testados 4 itens para cada condição e foram usados verbos que permitem quer uma situação não reflexiva, quer uma situação reflexiva: *pintar*, *lavar*, *pentear*, *sujar*: ‘alguém pinta alguém/ alguém pinta-se’; ‘alguém lava alguém/algue[m]m lava-se’; ‘alguém penteia alguém/algue[m]m penteia-se’ e ‘alguém suja alguém/algue[m]m suja-se’.

Tal como no estudo de Costa & Lobo (2008), em cada item era mostrada uma imagem de contextualização com os personagens intervenientes. De seguida era dada uma frase estímulo e, quando era mostrada a imagem relevante, o fantoche produzia a frase teste que a criança tinha de avaliar.

Exemplificamos, de seguida, alguns itens de teste. A lista integral dos itens de teste usados encontra-se em Anexo.

Exemplo de item para condição de objecto nulo em contexto reflexo

Imagem 1.

Experimentador: Aqui temos um menino, um elefante e uma banheira.
Vamos ver o que o menino vai fazer ao elefante!



Imagem 2.

Fantoches: Olha! O menino está a lavar!
Resposta esperada: Falso.



Exemplo para Condição de reflexo como pronome

Imagem 1.

Experimentador: Aqui temos uma menina e uma avó. A avó tem um pente. Vamos ver o que a avó vai fazer à menina.



Imagem 2.

Fantoches: Olha! A avó está a pentear-se!

Resposta esperada: Falso.



Exemplo para Condição de pronome como reflexo

Imagem 1.

Experimentador: Aqui temos uma menina e uma avó. A avó tem um pente. Vamos ver o que a avó vai fazer à menina.



Imagem 2.

Fantoches: Olha! A avó está a penteá-la!

Resposta esperada: Falso.



4.2. Participantes

Participaram no estudo 19 crianças falantes nativas do PE, que frequentavam um estabelecimento de ensino pré-escolar na área da grande Lisboa. As crianças, com idades compreendidas entre os 3;6 e os 5;9 (média 4;7), não tinham problemas cognitivos ou de linguagem diagnosticados. Foram excluídas do estudo 4 crianças que apresentaram um claro feito ‘yes-bias’, tendo respondido afirmativamente à condição de controlo h).

O estudo foi também aplicado a um grupo de controlo de 9 adultos.

4.3. Resultados

O grupo de controlo comportou-se conforme esperado, tendo obtido 100% de acerto em todas as condições.

As crianças tiveram um bom desempenho nas condições que testavam a interpretação de pronomes (colunas 1 e 2 do gráfico 1), bem como nas condições que testavam a interpretação de anáforas (colunas 3 e 4 do gráfico 1): em 99% dos casos aceitaram correctamente um pronome com interpretação disjunta e um reflexo com interpretação anafórica; em 91% dos casos rejeitaram correctamente uma interpretação disjunta para os reflexos; em 79% dos casos rejeitaram correctamente uma interpretação anafórica para os pronomes.

Quanto às condições de objecto nulo, verificou-se que as crianças aceitaram objectos nulos em contextos não reflexos em 92% dos casos, tendo um comportamento semelhante aos adultos, mas, contrariamente aos adultos, aceitaram objectos nulos com uma interpretação reflexiva na maioria dos casos, apresentando uma taxa de rejeição de 37% apenas.

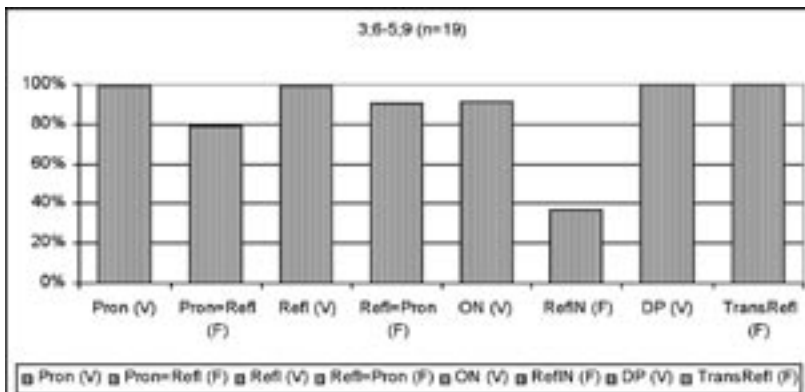


Gráfico 1: resultados das crianças

Os resultados obtidos mostram que:

- a) As crianças dominam a reflexividade, interpretando clíticos reflexivos e pronominais como os adultos, o que confirma resultados anteriores obtidos para o PE (Cristóvão, 2006);
- b) As crianças são capazes de interpretar objectos nulos como os adultos, atribuindo-lhes uma leitura pronominal;
- c) Contrariamente aos adultos, as crianças atribuem interpretações reflexivas a complementos nulos, o que é consistente com o seu comportamento em tarefas de produção.

5. Discussão

Os resultados obtidos não só confirmam os resultados obtidos em estudos anteriores (Costa & Lobo, 2008), como são compatíveis com a hipótese de que a omissão de clíticos em PE corresponde a uma sobregeneralização da construção de objecto nulo. Os resultados mostram que as crianças conhecem a construção de objecto nulo, mas têm uma gramática mais permissiva do que a do adulto, aceitando objectos nulos em contextos em que a gramática adulta não os aceita – domínios de ilha e contextos reflexos.¹

Os resultados mostram ainda que a omissão de clíticos não é um fenómeno uniforme interlinguisticamente, uma vez que os resultados que obtivemos diferem dos que foram obtidos para o francês (Grüter, 2006): as crianças francesas, apesar de omitirem clíticos, omitem-nos em taxas inferiores às das crianças portuguesas e não aceitam a interpretação de objecto nulo em contextos em que o verbo não tem um argumento interno foneticamente realizado.

A hipótese de que as crianças portuguesas sobregeneralizam a construção de objecto nulo levanta, contudo, algumas questões para o processo de aquisição:

- i) sabendo-se que o objecto nulo na gramática adulta do PE é uma variável (cf. Raposo, 1986), como se explica que a gramática da criança aceite objectos nulos em ilhas?
- ii) a que tipo de categoria vazia corresponde o objecto nulo na gramática da criança?

¹ Um dos revisores deste artigo faz a interessante sugestão de que o problema das crianças testadas seria a assunção de que o PE é uma língua com “argument drop”. Esta hipótese não seria muito diferente da que propomos, na medida em que “argument drop” tem sido utilizado na literatura para designar fenómenos de queda de argumentos que se actualizam em subtipos específicos de omissões (sujeito nulo identificado por Agr, sujeito nulo ligado por tópico, *pro* objecto, objecto nulo indefinido, etc.). Defendemos que as crianças portuguesas conhecem a possibilidade de omitir objectos, mas não os limites da aplicação desta construção, sobregeneralizando-a. Posto de outra forma, estamos a defender que as crianças estão a partir de uma hipótese mais lata, devendo restringir as opções disponíveis. A restrição é compatível com visões correntes sobre “learnability” (cf. Crain & Thornton 1998) e dá conteúdo a uma visão deste comportamento como “argument drop”.

iii) de que forma é que a criança passa de um estágio de sobregeneralização para um estágio em que só admite objectos nulos nos mesmos contextos em que a gramática adulta os permite?

iv) quando é que estabiliza o conhecimento dos domínios em que a construção de objecto nulo é legítima?

v) trata-se de um processo sujeito a desenvolvimento ou de um processo de mudança em curso?

Para dar resposta a estas questões, será necessário testar crianças em idades mais avançadas, de forma a perceber quando e se o fenómeno estabiliza, e perceber se a categoria vazia objecto na gramática das crianças corresponde a um pronominal nulo *pro* ou a uma variável.

A hipótese de que o objecto nulo na gramática das crianças corresponde a *pro* dá conta dos contextos de ilhas – a gramática das crianças aproximar-se-ia mais da gramática do português brasileiro – mas é problemática para os contextos reflexos, uma vez que prediz que as crianças tenham problemas de ligação, permitindo que um pronominal tenha um comportamento de anáfora. Ora, parece estar excluída a hipótese de as crianças falantes de PE terem dificuldades com as condições de ligação, uma vez que as crianças interpretaram adequadamente pronomes (acusativos não reflexos) e anáforas (acusativos reflexos), confirmando estudos anteriores (cf. Cristóvão, 2007). Os resultados de Cristóvão, aliás, confirmam resultados obtidos para várias línguas, que mostram que crianças de 3 e 4 anos já dominam todos os princípios da teoria da ligação, na sua formulação clássica. Note-se que estes resultados se aplicam apenas à compreensão de expressões pronominais e não a relações Op-variável.

Resta-nos a hipótese alternativa de que o objecto nulo na gramática das crianças é uma variável, embora se tenha de assumir que as crianças desconhecem as condições para legitimação de variáveis. Note-se, contudo, que esta hipótese assume que a gramática das crianças viola restrições universais, não sendo sensíveis a domínios de ilha, o que pode ser problemático.

Em trabalho futuro, pretendemos investigar qual a natureza exacta da categoria vazia objecto na gramática da criança. Se se tratar de um pronominal nulo, espera-se que só admita leituras de identidade estrita; se se tratar de uma variável (ou de uma estrutura de elipse), espera-se que admita leituras de identidade não estrita.

Referências

Castilla, Anny P., Ana T. Pérez-Leroux & Alice Eriks-Brophy (2008) Omission in Early Spanish Clitics. In A. Gavarrò e M. J. Freitas, eds. *Language Acquisition and Development. Proceedings of GALA2007*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing; pp. 112-122.

- Costa, João & Maria Lobo (2006) A aquisição de clíticos em PE: Omissão de Clíticos ou Objectos Nulos? *XXI Encontro Nacional da APL. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL; pp. 285-293 .
- Costa, João & Maria Lobo (2007) Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos, *XXII Encontro Nacional da APL. Textos seleccionados*. Lisboa: APL; pp. 303-313 .
- Costa, João & Maria Lobo (2007) Clitic Omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese?. In S. Baauw, F. Drijkonongen & M. Pinto, eds. *Romance Languages and Linguistic Theory 2005*. Amsterdam: John Benjamins; pp. 59-72.
- Costa, João & Maria Lobo (2008) Omissão de clíticos na aquisição do português europeu: dados da compreensão. In *Textos Seleccionados, XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL; pp. 143-156.
- Costa, João & Maria Lobo (2009) Clitic Omission in the Acquisition of European Portuguese: Data from comprehension. In A. Pires & J. Rothman, eds., *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*, Berlin/ New York: Mouton de Gruyter; pp. 1-15.
- Crain, Stephen & Rosalind Thornton (1998) *Investigations in Universal Grammar: A Guide to Experiments on the Acquisition of Syntax and Semantics*. Cambridge Mass.: MIT Press.
- Cristóvão, Sandra (2006) *A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu*. dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Cristóvão, Sandra (2007) A co-referência nos Pronomes Objecto Directo na Aquisição do Português Europeu. *XXII Encontro Nacional da APL. Textos seleccionados*. Lisboa: APL; pp. 329-339.
- Grüter, Theres (2006) *Object clitics and Null Objects in the Acquisition of French*. Diss. Doutoramento, McGill University.
- Jakubowicz, C., N. Müller, O.-K. Kang, B. Biemer & C. Rigaut (1996). "On the acquisition of the pronominal system in French and German". *BUCLD 20*, ed. by A. Stringfellow et al., pp. 374-385
- Jakubowicz, Celia *et al.* (1998) Determiners and Clitic pronouns in French speaking children with SLI. *Language Acquisition 7.2*; pp. 113-160.
- Pérez-Leroux, A. T., M. Pirvulescu & Y. Roberge, (2006) The Acquisition of Object Clitics in French L1: Spontaneous vs. Elicited Production", *Proceedings of GALA 2005*, ed. by Adriana Belletti, Elisa Bennati, Cristiano Chesi, Elisa DiDomenico and Ida Ferrari, Cambridge Scholars Press: Cambridge,UK. pp. 450-462.
- Raposo, Eduardo Paiva (1986) On the Null Object Construction in European Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, pp. 373-390.
- Schaeffer, J. 1997. *Direct object scrambling in Dutch and Italian child language*, UCLA Dissertations in Linguistics, 17.
- Silva, Carolina (2008) *Assimetrias na aquisição de clíticos diferenciados em português*

européu. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Wexler, Ken, Anna Gavarró & Vincens Torrens (2004) Feature Checking and Object Clitic Omission in Child Catalan and Spanish. In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse & B. Kampers-Manhe, eds. *Selected Papers from Going Romance 2002*. Amsterdam: John Benjamins.

Anexo: Teste com itens ordenados

- | | | | |
|--|--|------------|-----|
| 1. [1] Imagens 1A/1B | (Vamos ver o que o menino vai fazer ao elefante) | | |
| Olha! O menino está a lavá-lo. | | CPron | (V) |
| 2. [10] Imagens 2A/2B | (Vamos ver o que a avó vai fazer à neta.) | | |
| Olha! A avó está a pentear-se! | | CRefl=Pron | (F) |
| 3. [19] Imagens 3A/3B | (Vamos ver o que o elefante vai fazer ao menino) | | |
| Olha! O elefante está a molhar. | | CON | (V) |
| 4. [28] Imagens 4A/4B | (Vamos ver o que a princesa vai fazer à bruxa) | | |
| Olha! A princesa está a pintar a bruxa. | | CODP | (V) |
| 5. [37] Imagens 5A/5C | (Vamos ver o que a fada vai fazer à menina) | | |
| Olha! A fada sujou-a! | | CPron=Refl | (F) |
| 6. [6] Imagens 1A/1C | (Vamos ver o que o menino vai fazer ao elefante) | | |
| Olha! O menino está a lavar-se! | | CRefl | (V) |
| 7. [15] Imagens 2A/2C | (Vamos ver o que a avó vai fazer à neta.) | | |
| Olha! A avó está a pentear! | | CReflN | (F) |
| 8. [24] Imagens 3A/3C | (Vamos ver o que o elefante vai fazer ao menino) | | |
| Olha! O elefante está a molhar o menino. | | CTransRefl | (F) |
| 9. [9] Imagens 2A/2B | (Vamos ver o que a avó vai fazer à neta.) | | |
| Olha! A avó está a penteá-la! | | CPron | (V) |
| 10. [18] Imagens 3A/3B | (Vamos ver o que o elefante vai fazer ao menino) | | |
| Olha! O elefante está a molhar-se. | | CRefl=Pron | (F) |
| 11. [27] Imagens 4A/4B | (Vamos ver o que a princesa vai fazer à bruxa) | | |
| Olha! A princesa está a pintar. | | CON | (V) |
| 12. [36] Imagens 5A/5B | (Vamos ver o que a fada vai fazer à menina) | | |
| Olha! A fada sujou a menina! | | CODP | (V) |
| 13. [5] Imagens 1A/1C | (Vamos ver o que o menino vai fazer ao elefante) | | |
| Olha! O menino está a lavá-lo. | | CPron=Refl | (F) |
| 14. [14] Imagens 2A/2C | (Vamos ver o que a avó vai fazer à neta.) | | |
| Olha! A avó está a pentear-se! | | CRefl | (V) |
| 15. [23] Imagens 3A/3C | (Vamos ver o que o elefante vai fazer ao menino) | | |
| Olha! O elefante está a molhar. | | CReflN | (F) |
| 16. [32] Imagens 4A/4C | (Vamos ver o que a princesa vai fazer à bruxa) | | |
| Olha! A princesa está a pintar a bruxa. | | CTransRefl | (F) |

17. [17] Imagens 3A/3B (Vamos ver o que o elefante vai fazer ao menino)
Olha! O elefante está a molhá-lo. CPron (V)
18. [34] Imagens 5A/5B (Vamos ver o que a fada vai fazer à menina)
Olha! A fada sujou-se! CRefl=Pron (F)
19. [3] Imagens 1A/1B (Vamos ver o que o menino vai fazer ao elefante)
Olha! O menino está a lavar! CON (V)
20. [12] Imagens 2A/2B (Vamos ver o que a avó vai fazer à neta.)
Olha! A avó está a pentear a neta! CODP (V)
21. [21] Imagens 3A/3C (Vamos ver o que o elefante vai fazer ao menino)
Olha! O elefante está a molhá-lo. CPron=Refl (F)
22. [30] Imagens 4A/4C (Vamos ver o que a princesa vai fazer à bruxa)
Olha! A princesa está a pintar-se. CRefl (V)
23. [39] Imagens 5A/5C (Vamos ver o que a fada vai fazer à menina)
Olha! A fada sujou! CReflN (F)
24. [8] Imagens 1A/1C (Vamos ver o que o menino vai fazer ao elefante)
Olha! O menino está a lavar o elefante! CTransRefl (F)
25. Imagens 4A/4B (Vamos ver o que a princesa vai fazer à bruxa)
Olha! A princesa está a pintá-la. CPron (V)
26. [35] Imagens 5A/5B (Vamos ver o que a fada vai fazer à menina)
Olha! A fada sujou! CON (V)
27. [4] Imagens 1A/1B (Vamos ver o que o menino vai fazer ao elefante)
Olha! O menino está a lavar o elefante! CODP (V)
28. [13] Imagens 2A/2C (Vamos ver o que a avó vai fazer à neta)
Olha! A avó está a penteá-la! CPron=Refl (F)
29. [22] Imagens 3A/3C (Vamos ver o que o elefante vai fazer ao menino)
Olha! O elefante está a molhar-se. CRefl (V)
30. [31] Imagens 4A/4C (Vamos ver o que a princesa vai fazer à bruxa)
Olha! A princesa está a pintar. CReflN (F)
31. [40] Imagens 5A/5C (Vamos ver o que a fada vai fazer à menina)
Olha! A fada sujou a menina! CTransRefl (F)
32. [2] Imagens 1A/1B (Vamos ver o que o menino vai fazer ao elefante)
Olha! O menino está a lavar-se! CRefl=Pron (F)